

Segunda-feira, 15 de setembro de 1980



Sacilotto e Flaminghi fazem suas mostras retrospectivas no Museu de Arte Moderna.

Flaminghi e Sacilotto, dois amigos e uma arte

Os longos bate-papos sempre acompanhados de uma cerveja geladinha foram proveitosos para os amigos Flaminghi e Sacilotto. Um deles, Flaminghi, recebeu convite para uma exposição retrospectiva de sua arte concreta no Museu de Arte Moderna, Ibirapuera. Como o espaço do museu é grande, Flaminghi ficou com as salas do lado direito. E aproveitou para convidar, entre uma cerveja e outra, o amigo Sacilotto, cujas obras têm identidade com as suas, para ocupar o lado esquerdo. Finalmente, os dois inauguraram na semana passada suas retrospectivas, que vão até 12 de outubro.

Flaminghi mostra 127 obras e Sacilotto reuniu 136 trabalhos, entre desenhos, esculturas e óleos. O primeiro, que ficou sem expor durante 20 anos, inclui suas primeiras experiências artísticas, na linha acadêmica: "Naquele tempo eu perseguia a pintura de forma diferente. Não queria mostrar o que estava fazendo porque não me sentia pronto. E tinha um objetivo definido, pelo menos, que era o de só apresentar alguma coisa quando estivesse certo do caminho a seguir. Hoje não é assim, um sujeito pinta uma obra e já quer expor. Eu não tinha essa fome de levar a melancia logo".

Flaminghi, hoje com 60 anos, é ex-publicitário e pesquisou muito antes de chegar ao concretismo, em 1955, quando levou os três primeiros trabalhos nessa linha à 3.ª Bienal:

— "Na verdade, eu não sabia que estava fazendo uma arte concreta e só vim a obter todas as informações sobre ela, até sua função política, logo depois".

Foi nessa Bienal que ele conheceu Sacilotto, que o convidou a participar de encontros com outros artistas. A partir daí Flaminghi definiu seu trabalho: "Se a gente persegue um objetivo,

pode demorar mas acaba encontrando. No meu caso, o "Eldorado" passou a ser o uso da retícula cor-luz, a linguagem concreta que explorei a partir de então". (A retícula cor-luz foi criada por ele na década de 60).

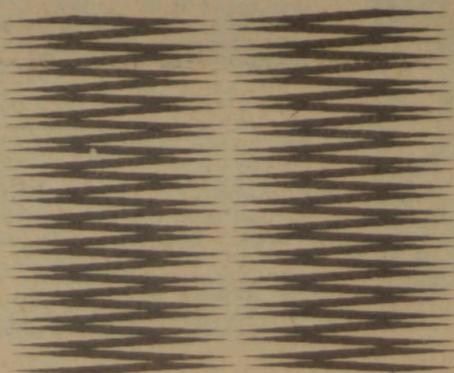
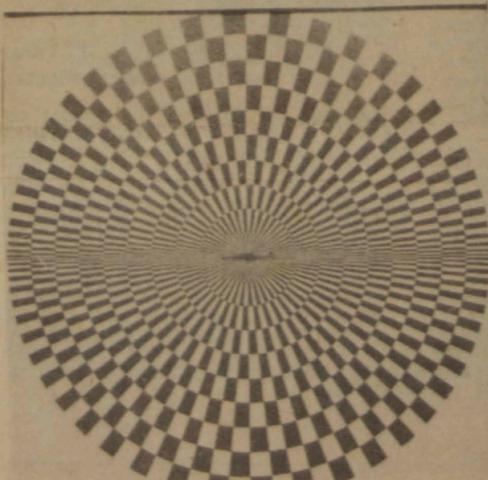
No caso de Sacilotto, o "Eldorado" foi um pouco diferente. Ele o define como o corte e a dobra dos metais. Para chegar a isso, passou também por uma fase acadêmica, cuja obra mais antiga e representativa data de 1942, época em que era aluno de Edmundo Migliaccio e José Barchitta, junto com Marcelo Grasmann e Otávio Araújo.

Uma data importante para Sacilotto é o ano de 1947, quando sua pintura e desenho passam a ter forte conotação expressionista e ele participa da "Exposição 19 Pintores", na Galeria Prestes Maia, em São Paulo. Nesse ano começou a realizar seus primeiros apontamentos abstratos, mas escondia os quadros dos amigos "porque eu tinha vergonha do que eles poderiam dizer".

Em 1952 vem a participação na Bienal de Veneza. Em seguida Sacilotto opta pelo concretismo. Mas só na década de 60 encontrou sua própria linguagem. Foi quando chegou ao corte e à dobra dos metais.

Nos últimos anos Sacilotto deixou outros empregos (é arquiteto), "só para não me desviar do caminho da arte concreta que me propus". E faz questão de dizer que continua um "suburbano" morador de Santo André:

— Moro em Santo André numa valorizada rua da cidade. Sempre que me é possível, uso o trem ou ônibus como transporte e faço questão de uma coisa na minha vida: não quero perder minhas raízes, senão perco também a identidade. E ela seria trocada por outra que não tem absolutamente nada a ver comigo.



Obras de Sacilotto e Flaminghi, tendências artísticas semelhantes